A memória e os desafios da luta pela água no Assentamento Santana/Ceará: práxis agroecológicas nos quintais produtivos das famílias e na Escola do Campo Florestan Fernandes

The memory and challenges of the struggle for water in the Santana/Ceará Settlement: agroecological praxis in the productive backyards of families and in the Escola do Campo Florestan Fernandes

CONCEIÇÃO, Ana Talya Fernandes[1]; NASCIMENTO, Sofia Lopes[2]; LUZ, Andrea Pereira[3]; SOUZA, Cleide Maria[4]; SOUZA, Maria Valeska Alves[5]; TARGINO, Wlisses Damasceno[6]

Escola de Ensino Médio do Campo Florestan Fernandes (EEMFF), Talyafernandes33@gmail.com [1]; ; EEMFF, Lopessofia392@gmail.com [2]; EEMFF, andreia.luz@prof.ce.gov.br [3] ; Universidade de Brasília, cleide.educa.fsa@gmail.com [4] ; EEMFF valescaalves894@gmail.com [5]; EEMFF, Wlissestargino@gmail.com [6]

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente relato tem por objetivo apresentar a experiência da Escola de Ensino Médio do Campo Florestan Fernandes (EEMFF). Em específico a proposta desenvolvida a partir do Componente Curricular: Práticas de Estudo e Pesquisa (PEP) com educandos/as do segundo ano do Ensino Médio, articula conhecimentos das áreas de Ciências da Natureza e Ciência Humanas e associa teoria e prática. Em suas pesquisas os/as educandos/as dialogam com as mulheres guardiãs da Memória com a intenção de sistematizar os desafios da luta pela água no Assentamento Santana, município de Monsenhor Tabosa – Ceará. Os Quintais Produtivos das famílias se apresentam como espaços férteis de construção da práxis agroecológica, com potencial para uso e desenvolvimento de tecnologias sociais de resistência e convivência no semiárido.
Palavras-chave: educação do campo; tecnologias sociais; semiárido; ensino médio.

Contexto

“Então a água doce era só lá na cacimba. Era longe. A gente andava era légua por água boa, água mais doce. Hoje nós moramos junto com água. Eles lutaram, que hoje nós temos água boa, todo mundo tem cisterna de beber e tem essa cisterna do quintal das plantas. Hoje em dia tem vida!” (Trecho de entrevista com uma guardiã da memória do Assentamento Santana em 2022).

A história nos mostra que o povo do semiárido brasileiro sempre se manteve em luta pela terra, e junto a ela resistiram pela garantia de captação e distribuição adequada da água. E muito mais pela falta de oportunidade de acesso à água do que pela quantidade ideal de chuvas houve grande expulsão de camponeses de suas terras.

No enfrentamento desse histórico se apresentam os conhecimentos agroecológicos, esses que nascem das comunidades que resistem e transformam o semiárido. A educação em Agroecologia construída junto aos saberes locais transcende as ciências convencionais auxiliando na produção de soluções baseadas na

necessidade específica de cada comunidade. Assim como evidencia Batista, Pires e Babosa (2021) “O Semiárido não necessita importar tecnologias, mas sim de diálogos de conhecimentos”.

Nesse contexto, tem-se por objetivo apresentar uma experiência pautada na práxis que articula conhecimento popular e científico e que emerge do histórico da luta pela água no Assentamento Santana e na Escola de Ensino Médio do Campo Florestan Fernandes (EEMFF). A proposta da escola desenvolvida a partir do Componente Curricular: Práticas de Estudo e Pesquisa (PEP) articula conhecimentos das áreas de Ciências da Natureza e Ciência humanas e associa teoria e prática, escola e vida. Está em curso pesquisa desenvolvida pelos/as educandos/as junto às mulheres guardiãs da memória do Assentamento Santana a fim de registrar o histórico de lutas, resistências e direitos conquistados para o acesso à água, bem como, ressaltando as tecnologias sociais para o cuidado com a água na produção agroecológica.

A escola está localizada no Assentamento Santana, no município de Monsenhor Tabosa-Ceará, na região do Sertão de Inhamuns e Crateús. A mesma integra um conjunto de 12 Escolas do Campo de Ensino Médio em áreas de Reforma Agrária no estado, as quais tem sua proposta pedagógica alicerçada nos fundamentos da Pedagogia do MST, nos princípios da Educação do Campo e na matriz formativa da Agroecologia.

Descrição da Experiência

A práxis da EEMFF assume o Trabalho como Princípio Educativo (PISTRAK, 2018), e no caso da pesquisa que todos os/as educandos/as desenvolvem ao longo dos três anos do Ensino Médio uma relação de construção conjunta aos problemas enfrentados na realidade. Ao eleger a história e a memória como valores fundantes para que as juventudes camponesas possam desenvolver sua percepção crítica, transformadora, dialoga com as contradições que seu povo enfrenta. É a construção do conhecimento que se dá em contraposição à cultura dominante, um processo apontado por Gramsci (2011 p. 202) que discute como “erro intelectual”, “saber sem compreender e principalmente, sem sentir e estar apaixonado".

Nessa perspectiva a EEMFF busca romper com a produção do conhecimento para além de algo apenas burocratizado, formal, impositivo, mecânico. A partir de uma proposta contra a hegemonia capitalista na educação, constrói coletivamente, gerando vínculos, sentimentos de respeito e reconhecimento ao outro, um conhecimento que se torna força social capaz transformar as pessoas e suas realidades.

A EEMFF tem como vínculo orgânico os princípios da Educação do Campo onde se utilizam metodologias que têm a realidade como ponto de partida. Uma proposta curricular que tem no Componente curricular Projetos Estudo e Pesquisa (PEP) a intencionalidade desenvolver pesquisa a partir das vivências dos/das educandos/as.

No primeiro ano do Ensino Médio é realizada a escrita do memorial como forma de resgate da história que os sujeitos vivenciam em suas comunidades e famílias. Na turma de segundo ano é realizada a escrita do projeto, que pode ser em grupos ou individualmente, a escolha da temática é realizada de acordo com as linhas de pesquisa que são cinco, abordando áreas de conhecimento que envolve Agroecologia, Cultura e Sociedade - Arte e Cultura, Produção e Tecnologia da Informação e Comunicação - TICs. A partir dessas áreas os/as educandos/as buscam temas que estão interligados com a sua realidade e fazem a construção do projeto com intuito de aprofundamento sobre determinado assunto. No terceiro ano os/as educandos/as transformam o projeto realizado no ano anterior em um artigo. Nessa fase é colocado em prática aquilo que foi desenvolvido durante o segundo ano, pois são realizadas pesquisas mediante um problema que eles buscam solucionar, indo ao encontro de formar sujeitos críticos capazes de contribuir com o meio social onde vivem.

Diante do problema enfrentado no semiárido, a questão dos recursos hídricos onde são escassos devido à baixa presença de chuvas, um grupo de quatro estudantes escolheu relatar sobre a realidade da água em sua localidade, iniciando esse percurso pelo resgate histórico em direção às práticas desenvolvidas nos Quintais Produtivos. Ainda com intenção de perceber os conhecimentos agroecológicos e vislumbrando perspectivas futuras. Os/as educandos/as que protagonizam a pesquisa aqui relatada estão no segundo ano do Ensino Médio, portanto numa fase de organização do Projeto de Pesquisa.

A fase atual da pesquisa contará com visitação aos Quintais Produtivos e entrevistas com as mulheres, guardiãs da Memória do Assentamento Santana, portanto mediado por uma relação intergeracional. As mulheres camponesas trazem em sua essência originária práticas de cultivo e preparo dos alimentos, de cuidados para que a família tenha uma alimentação mais saudável. Com esse protagonismo aliado ao processo formativo desenvolvido pela EEMFF tem sido construído no Assentamento Santana uma práxis transformadora (FREIRE, 1987) da realidade que envolve para além do cultivo da terra, o cultivo de relações humanas saudáveis.

As figuras (1) e (2) retratam os Quintais Produtivos das famílias, assim como o esforço que tem sido realizado para construção do conhecimento a partir da materialidade da vida nesses espaços, problematizando a questão da convivência com o semiárido, possibilidades de aproximar gerações e produzir práxis agroecológica transformadora na comunidade do Assentamento Santana.

Figura 1 Quintais Produtivos das famílias *Figura 2 Entrevistas dos/das educandos/as com as mulheres*

Com a intencionalidade coletiva em contribuir com a preservação de outra lógica de vida, os Quintais Produtivos são espaços fecundos para a formação política da Agroecologia. Enquanto as mulheres desenvolvem suas atividades nos quintais, denunciam práticas destruidoras das relações humano-natureza, e por outro lado, anunciam caminhos para resgatar a coletividade, culturas e cultivos ancestrais. Em diálogo com educadores/as e educandos/as da escola ao produzirem os alimentos também ajudam na compreensão de conhecimentos científicos.

Destaca-se a importância dessas práxis para atravessar os períodos de seca e de escassez hídrica, portanto tecnologias sociais e agroecológicas de convivência com o Semiárido. Os/as educandos/as desenvolvem seus estudos especialmente pela atuação no Campo Experimental da Agricultura Camponesa Agroecológica, uma área de 10 hectares cedida pela Assentamento à escola para a vivência teórico e prática dos princípios da Educação do Campo e da Agroecologia. Essa construção do conhecimento se dá para além do espaço da escola. Se intensifica a partir das pesquisas e práticas que eles trazem para os Quintais Produtivos das famílias, uma relação horizontal e intergeracional que propõe vínculos entre conhecimento popular e científico com grande potencial.

Para os objetivos deste relato apresentamos as principais tecnologias agroecológicas e sociais que são desenvolvidas nos Quintais Produtivos das famílias do Santana. Essas, contribuem para a convivência com o semiárido e ainda tem impulsionado reflexões sobre a ação dos sujeitos em relação à água e outros bens da natureza, como o cuidado com o solo, o reflorestamento e o resgate da cultura camponesa.

Resultados

A cisterna fabricada com placas de concreto e arame liso, rebocada por dentro e por fora chamada “cisterna de placas” apresenta-se como tecnologia que dá sustentação às demais atividades produtivas nos quintais. A conquista das cisternas se soma à luta coletiva desempenhada pelos sujeitos coletivos no acesso ao conhecimento, que sempre esteve nas trincheiras da resistência e são fruto da luta sempre relembrada nas conversas com as mulheres. No diálogo entre a Escola

Florestan Fernandes, o MST, os setores produtivos do Assentamento - Coopáguia, as universidades públicas (Universidade Estadual do Ceará e Universidade Federal do Ceará), especialmente com as famílias camponesas, foram identificados e desenvolvidos um grande repertório de técnicas, (FERNANDES et al, 2021) entre as quais destacamos as de manejo e preservação do solo e da água: a) cultivos consorciados; b) policulturas; c) adubação orgânica; d)rotação de culturas; e) cobertura vegetal; f) sistema produtivo agrossilvipastoril que se dá pela produção mista plantas nativas, frutíferas e pequenos animais; g) plantio de espécies nativas do bioma caatinga; h) coleta, armazenamento e troca de sementes de espécies nativas; i) sistema de reuso de águas cinza, que se dá pela processo de filtração de águas de chuveiro, de lavatório, de cozinha a fim de reciclar e reutilizar a água na produção agrícola (RAPOSO, 2022).

Nesse sentido, a Agroecologia aliada aos elementos constitutivos da Educação do Campo representam estratégia de resistência para o povo camponês, restaura a produção que fomenta hábitos alimentares saudáveis, reivindica o direito à comida de verdade, de acordo com a diversidade cultural e fonte de saúde física e emocional. É o caminho para construir conhecimentos e relações mais humanas entre os sujeitos e com a natureza, os quais ajudam a preservar a sociabilidade, os costumes e modos de vida que configuram a identidade camponesa.

Esse conjunto de conhecimentos são referenciais para que outras comunidades possam pautar seu modo de produzir e comercializar alimentos de forma mais ecológica, justa e solidária. E para as Escolas do Campo representa uma grande lição em compreender que estudar e fazer Agroecologia está para além de um conjunto de práticas, mas se faz necessário cultivar a memória, a história de luta e resistência de nossos povos, garantindo que seja verdadeiramente um projeto transformador no campo e na educação. As novas possibilidades de convivência com a escassez hídrica são vislumbradas pelo povo do Santana que permanece atuante nas lutas a favor de políticas comprometidas com matriz tecnológica da Agroecologia e com a Educação do Campo, pautadas no compromisso com o resgate da memória e dos conhecimentos ancestralmente produzidos. A luta da classe trabalhadora camponesa é constante. Incansavelmente preserva o que mais tem de valor: sua cultura, sua história, conhecimentos comprometidos com o bem comum. Esse é um desejo expresso com muita força e anunciado pelo povo do Santana: A Agroecologia como a água é um bem comum, ambas são direitos do povo, seus conhecimentos e tecnologias devem ser construídas com o povo, dialogando e problematizando suas realidades.

Referências bibliográficas

ASA. Articulação no Semiárido Brasileiro. Carta Política. Encontro nacional da articulação do semi-árido brasileiro, 3, São Luis/MA, **Anais do III Encontro...** São Luis/MA, 20-23/nov. 2002. Disponível em: <http://www.asabrasil.org.br/>. Acesso em 15 jun. 2023.

BARRIENTOS, Carlos. **Cosmovisões**. In: DIAS, Alexandre Pessoa; STAUFFER, Anakeila de Barros; MOURA, Luiz Henrique Gomes de; VARGAS, Maria Cristina (Orgs). Dicionário de Agroecologia e Educação. Fiocruz. Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio. São Paulo e Rio de Janeiro: Editora Expressão Popular, 2021.

CALDART, R. S. **Educação do Campo e Agroecologia**. In: DIAS, A. P. *et al.* (Orgs). **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. 816 p.

FERNANDES et al. **Inventário de Práticas Agroecológicas na Metodologia "de Camponês/a a Camponês/a" no Ceará: um instrumento para descolonizar o território e (re)valorizar o conhecimento camponês**. Seção especial – Territorialización de la agroecología Vol. 58, p. 551-578, jul./dez. 2021.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere Volume 2.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho.** Tradução: Luiz Carlos de Freitas. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 288p.

RAPOZO, B. M. S. Água cinza e agroecologia: estratégias para o reuso da água, produção de alimentos e convivência com o semiárido. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 17, n. 46, p. 180-200, ago. 2022, p.180 - 200.